

# MAURÍCIO CRAVOTTO E O URBANISMO NO RIO GRANDE DO SUL

## *MAURÍCIO CRAVOTTO AND URBAN PLANNING IN RIO GRANDE DO SUL*

Bruno Cesar Euphrasio de Mello<sup>1</sup>  
João Farias Rovati<sup>2</sup>

### RESUMO

A importância do professor uruguaio Mauricio Cravotto na afirmação do Urbanismo como campo profissional no Rio Grande do Sul é fato reconhecido pela literatura. Uma etapa decisiva desta relação foi sua vinda a Porto Alegre, em 1948, para ministrar aulas aos estudantes dos cursos de Arquitetura e de Urbanismo do Instituto de Belas Artes. Entretanto, muitos aspectos dessa visita ainda precisam ser elucidados: quem o convidou? Com que propósitos? Que conteúdos efetivamente ministrou em suas aulas? Que abordagem apresentou sobre a cidade? Que Urbanismo, afinal, Cravotto professou no sul do Brasil? Estas são algumas das perguntas que este artigo pretende responder.

**Palavras-chave:** Mauricio Cravotto. Urbanismo. Arquitetura. Porto Alegre. Instituto de Belas Artes.

### ABSTRACT

*The importance of Mauricio Cravotto, uruguayan teacher, in affirming the field of Urbanism in Rio Grande do Sul is a fact recognized by the literature. A decisive step in this relationship is Cravotto's visit to Porto Alegre to teach students of the Architecture and Urbanism courses of the Institute of Fine Arts of Rio Grande do Sul. However, the investigation about the period of time and permanence of Cravotto in south Brazil, besides the content he taught in the capital of the state of Rio Grande do Sul, are themes that have not yet been exhausted. How did the first contacts go, and how was the invitation for Cravotto to come to Brazil? What content did he actually work on the course? What approach did he present about the city? Anyway, what urbanism Cravotto taught in south Brazil? These are the questions intended to be answered.*

**Keywords:** Mauricio Cravotto. Urban Planning. Architecture. Porto Alegre. Institute of Fine Arts.

---

1 Arquiteto e Urbanista, Doutor em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR-UFRGS). Professor do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

2 Arquiteto e Urbanista. Doutor em Arquitetura e Urbanismo (Universidade de Paris-8). Professor do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

## INTRODUÇÃO

A importância de Mauricio Cravotto na afirmação do Urbanismo como campo<sup>3</sup> profissional no Rio Grande do Sul é um fato reconhecido pela literatura<sup>4</sup>. Atualmente, não há dúvida que a estreita ligação do professor uruguaio com profissionais e estudantes gaúchos, seja recebendo-os em Montevideu ou a partir de sua estadia em Porto Alegre, contribuiu com o modo de pensar e fazer Urbanismo no extremo sul do Brasil.

Uma decisiva etapa desta relação foi sua vinda à Porto Alegre, em 1948, para ministrar aulas aos estudantes dos cursos de Arquitetura e de Urbanismo do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Entretanto, muitos aspectos dessa visita ainda precisam ser elucidados: quem convidou Cravotto? Com que propósitos? Que conteúdos ministrou em suas aulas? Que abordagem apresentou sobre a cidade? Que Urbanismo – que repertório de saberes, práticas, temas e métodos – professou? Este artigo busca responder a estas perguntas.

Todavia, para tanto, é preciso situar a visita de Cravotto no contexto da disputa então em curso pela hegemonia do ensino de Arquitetura no Rio Grande do Sul, protagonizada pela Escola de Engenharia (EE) e pelo Instituto de Belas Arte (IBA). Do ponto de vista historiográfico, o estudo desta experiência de intercâmbio coloca ainda outra importante questão: na década de 1940, como era compreendido o “Urbanismo” no Brasil e no Uruguai?

Este trabalho toma o Urbanismo como um conceito<sup>5</sup> cujo significado só pode ser descortinado no tempo e no lugar de sua formulação. Segundo Reinhart Koselleck (1992), um conceito é sempre “único” e somente pode ser compreendido a partir da “situação histórica” que o engendra; haveria, portanto, um vínculo estreito e incontornável entre os sentidos dos conceitos e o contexto social; este vínculo é que os tornariam compreensíveis.

---

3 Usamos aqui a noção de *campo* a partir de Bourdieu (2004): um espaço social relativamente autônomo onde agentes e instituições produzem, reproduzem e difundem determinados princípios e métodos de verificação do “real”, de teses e hipóteses; e onde são reconhecidos, debatidos e hierarquizados os temas e problemas que integram um certo universo de preocupações.

4 Ver, por exemplo, Almeida (1996, 2009); Rovati (2001, 2007); Almeida, Souza (2010).

5 Segundo Japiassu (1996, p. 48), um conceito é uma “noção abstrata ou ideia geral, designando seja um objeto suposto único (...), seja uma classe de objetos”. Um conceito, como resume Bunge (2012, p. 65), é uma “unidade de significado”. Ele se caracteriza por sua compreensão (os atributos que o constituem) e por sua extensão (o número de elementos aos quais se estende). Compreensão e extensão, “se encontram numa relação inversa: quanto maior for a compreensão, menor será a extensão; quanto menor for a compreensão, maior será a extensão” (JAPIASSU, 1996, p. 49).

Ainda a propósito da palavra Urbanismo é necessário ao menos mencionar seu uso “recente”. *Urbs*, em latim, se refere à cidade. Em 1867, em sua *Teoría general de la urbanización y aplicación de sus principios y doctrinas a la reforma y ensanche de Barcelona*, Ildenfonso Cerdá cria o neologismo *urbanización*; na época, o próprio Cerdá afirmaria que, por inaugurar uma nova disciplina científica, diferente das artes urbanas anteriores, via-se obrigado a criar tal palavra (CHOAY, 1988). Mais tarde, com base na *Teoría general* de Cerdá, outra palavra seria criada: conforme Gaston Bardet (1990, p. 8), por volta de 1910, em Paris, a “ciência da organização das massas sobre o solo” foi batizada de *Urbanismo*. Segundo Choay (1988), essa “nova ciência” seria ensinada na França a partir dos anos 1920. Com estas breves referências, constata-se, pois, que o emprego do termo Urbanismo para designar uma disciplina científica específica tem pouco mais de um século e que seu ensino é relativamente recente.

## 1 Cravotto

Natural de Montevideú, Antonio Mauricio Rodrigo Cravotto Schiavon (1893-1962) diplomou-se arquiteto em 1917, pela Faculdade de Arquitetura da Universidade da República do Uruguai (UDELAR). Seu extenso currículo<sup>6</sup> é recheado de experiências relevantes. Por sua destacada trajetória acadêmica recebeu a *Medalla de Oro*, como melhor aluno da UDELAR e o

---

6 Nos arquivos do Instituto de Artes da UFRGS encontra-se o *Curriculum Vitae del Profesor Arquitecto Mauricio Cravotto*, (CURRICULUM..., [1948?]) provavelmente por ele mesmo redigido. Algumas notas incluídas neste documento: “*Graduado em 1917; Medalla de oro de la Universidad; Exoneración de derechos de título; Beca Diplomática de la Universidad por dos años, 1917; viajó varias veces a los Estados Unidos y Europa; alumno de Urbanismo y Geografía Humana del Prof. Léon Jaussely, Paris, 1920; Profesor de Arquitectura y de Urbanística em la Facultad de Arquitectura de Montevideo; ha cumplido 20 años de docencia em 1946; Director del curso de post graduados de arquitectura; Director del Instituto de Urbanismo de la Facultad de Arquitectura desde 1936; varios años Consejero de la Facultad de Arquitectura; ex miembro de la Comisión Nacional de Bellas Artes; Socio Honorario de la Sociedad de Arquitectos de Chile, 1940; Socio Correspondiente del Instituto C. de Arquitectos de Brasil, 1937; Distinción (hors concurs) em la Exposición de Urbanismo em Buenos Aires, 1935; Gran Premio de Honor em la Exposición Pan-americana de Arquitectura y Urbanística de Montevideo, 1940; Miembro del Instituto de Investigaciones Geográficas de la Universidad; realizó 24 edificios; se presentó a 19 concursos públicos de arquitectura; obtuvo 4 primeros premios, 5 segundos premios, 3 terceros premios y varias menciones; uno de esos premios es el Palacio Municipal de Montevideo actualmente em construcción; entre las actividades urbanísticas públicas, colaboró em comisiones especializadas; es autor de un anteproyecto de Plan Regulador de Montevideo, 1930; es autor de un estudio de urbanismo regional del litoral Sur del Uruguay; consultor del Plan Regulador de la ciudad de Mendoza (Argentina), 1941-1942; autor de una urbanización em el litoral Sur del Uruguay (em iniciación); acaba de ser nombrado miembro de la Sociedad Francesa de Urbanistas, Paris, 1947; es autor de varios escritos urbanísticos y publicaciones profesionales”. A trajetória profissional de Cravotto é abordada por Almeida (1996, 2009), Rovati (2001, 2007) e Almeida, Souza (2010), entre outros.*

*Gran Premio*, como melhor aluno do curso de Arquitetura. Recebeu ainda uma bolsa universitária (*Beca Diplomática*) com duração de dois anos, para realizar viagem de estudos.

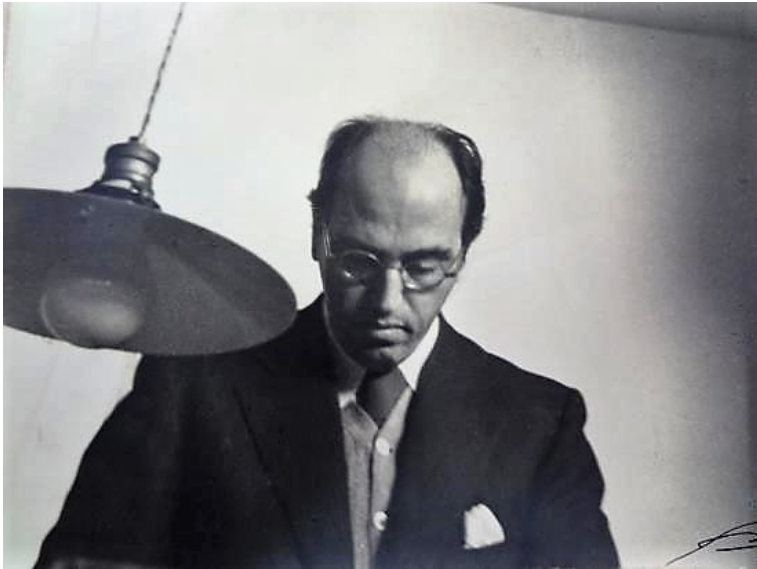
Durante sua viagem de estudos (1919-1921) Cravotto visitou diversos países: Argentina, Chile, Peru, Equador, Panamá, Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Bélgica, Itália e França. Residiu quase um ano em Paris, onde, além de frequentar o ateliê de Léon Jaussely, teve aulas com o historiador Marcel Poëte – pioneiro do ensino do Urbanismo na França, um dos fundadores da Biblioteca Histórica da Cidade de Paris (1916) e, com Henri Sellier, da Escola de Altos Estudos Urbanos da Sorbonne (1919) e do Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (1924).

Em 1923, de volta a Montevideú, Cravotto iniciou sua carreira docente na Faculdade de Arquitetura. Até 1952, quando deixou àquela instituição, ministrou diversas disciplinas, como Composição Decorativa, Grandes Composições, Projetos de Arquitetura, Traçado de Cidades e Arquitetura Paisagista. Nos anos 1930, fundou o Instituto de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura (ELARQA, 1995).

Além da atividade docente, Cravotto tinha um escritório privado. São de sua autoria, por exemplo, os projetos do Montevideo Rowing Club (1923), do Palácio Municipal (1929), do Hotel Rambla (1931) e da Biblioteca Nacional (1939). Coordenou ainda as equipes de trabalho responsáveis pela elaboração do Plano Regulador de Montevideú (1930) e do plano da cidade argentina de Mendoza (1941). Estas últimas ações, diretamente vinculadas ao Urbanismo e aos estudos urbanos, somadas ao seu contato com figuras como Jaussely e Poëte, logo conferiram a Cravotto um largo reconhecimento social como urbanista. Desse ponto de vista, referir-se a ele como *arquitecto-urbanista*, como faremos de agora em diante, é admitir que, para além de sua titulação formal como “arquitecto”, há uma trajetória pessoal que o vincula diretamente ao Urbanismo<sup>7</sup>.

---

7 Este esclarecimento é necessário quando nos aproximamos da literatura que trata da relação entre Cravotto e o Rio Grande do Sul; por exemplo, nos textos de Almeida (1996, 2009), Rovati (2007) e Almeida, Souza (2010), Cravotto é referido ora como Arquitecto, ora como Urbanista, ora como Arquitecto-Urbanista.



**Fig. 1:** Maurício Cravotto. Imagem sem data e sem autoria. Fonte: Arquivo do Instituto de Artes, UFRGS.

## 2 Cravotto em Porto Alegre

Maurício Cravotto vem à Porto Alegre em julho de 1948. Contudo, como já foi observado, para tratar de sua visita à cidade é necessário inseri-la ao contexto da disputa então protagonizada pelos cursos da EE e do IBA.

No IBA, duas reuniões realizadas em setembro de 1944 sacramentaram a iniciativa de criar um curso de Arquitetura: em reunião extraordinária do Conselho Técnico Administrativo (CTA), realizada em 21 de setembro de 1944, foi aprovada a criação do curso (INSTITUTO DE BELAS ARTES, 1944a); em 29 de setembro, a Congregação se reuniu, também em sessão extraordinária, e igualmente aprovou àquela iniciativa (INSTITUTO DE BELAS ARTES, 1944b)<sup>8</sup>. Na mesma época a EE criou seu curso de *engenheiros-arquitetos*. Conforme Weimer (1989), esse curso foi criado “para fazer frente” ao do IBA. Este ponto de vista é compartilhado por Fiori (1992), que acredita que “a Escola de Engenharia só se interessa por um curso de arquitetura quando percebe que outra instituição está nesse campo e que isto ameaça seu monopólio sobre a área da construção civil no meio local” (FIORI, 1992, p. 323).

---

8 Na década anterior, o IBA já havia criado e instalado um Curso Técnico de Arquitetura. Segundo Fiori (1992) e Simon (2003), este foi um passo significativo para a posterior criação do curso de Arquitetura, sobretudo porque oportunizou a integração de arquitetos qualificados ao quadro docente do Instituto.

Os dois cursos, do IBA e da EE, passaram a funcionar em 1945<sup>9</sup>. Do total de cátedras ou cadeiras destes cursos, ambos com duração de cinco anos, apenas duas se referiam explicitamente às questões urbanas. No curso do IBA, no quarto ano, seria oferecida a cadeira de *Higiene da Habitação – Saneamento da Cidade*<sup>10</sup> e, no quinto ano, de *Urbanismo – Arquitetura Paisagista*<sup>11</sup>. Já no curso da EE, no quinto ano, seriam oferecidas as cadeiras de *Hidráulica – Hidráulica Urbana e Saneamento*<sup>12</sup> e a de *Composição Geral e Urbanismo*<sup>13</sup>. O Urbanismo, portanto, era matéria secundária nos dois cursos e as cadeiras existentes tratavam da cidade, sobretudo como objeto de composição (ou embelezamento) ou de uma perspectiva higienista-sanita-

---

9 Em 26 de novembro de 1945 o Decreto Federal nº 19.991 autorizou o funcionamento do Curso de Arquitetura no Instituto de Belas Artes (BRASIL, 1945). Em 25 de julho de 1946, o Decreto nº 2.027 oficializou a organização didática da Escola de Engenharia, mencionando o curso de engenheiros-arquitetos como um dos cinco cursos por ela mantidos.

10 Ministrada pelo professor Luiz Arthur Ubatuba de Faria, seu programa faz referência a instalações prediais, higiene da habitação e infraestruturas, consideradas “do edifício à cidade”. (INSTITUTO DE BELAS ARTES, 1949).

11 Ministrada pelo professor Edvaldo Pereira Paiva, seu programa compreendia o “Urbanismo” como algo bastante amplo e diverso. O programa faz referências a temas tão variados como história das cidades e do urbanismo; elementos para o projeto urbanístico; habitação coletiva; infraestruturas; administração municipal; planos diretores e seus instrumentos. A cadeira pretendia desenvolver ainda a capacidade de concepção e composição (ou “de projetar”) dos estudantes. Já o conteúdo associado à “Arquitetura Paisagista”, significativamente menor, tratava da composição de espaços abertos. Tudo leva a crer que a cadeira pretendia dar conta de toda formação “em Urbanismo” destinada pelo curso de Arquitetura do IBA a seus alunos (INSTITUTO DE BELAS ARTES, 1949).

12 Na consulta ao arquivo da Escola de Engenharia não foi encontrado o programa desta “cadeira”. É possível, no entanto, ter notícias sobre o conteúdo nela ministrado a partir das questões formuladas para as provas. Também não encontramos referência ao professor que a ministrava. As questões formuladas para as primeiras provas parciais tratavam de sistemas e condutos, tanques, cálculo de condutos de esgoto cloacal, etc. As questões não têm nenhuma relação com composição. Representam a concepção do urbanismo higienista-sanitarista. (ESCOLA DE ENGENHARIA, 1951)

13 Na consulta ao arquivo da Escola de Engenharia não foi encontrado o programa desta cadeira. É possível, no entanto, ter notícias sobre o conteúdo nela ministrado a partir das questões formuladas para as provas. Dirigida pelo professor Eugênio Steinhof, as questões formuladas para as primeiras provas parciais tratavam das etapas do planejamento de uma cidade; das circulações principais externas dum aeroporto; das circulações gerais em certos tipos de edifícios a escolha dos alunos. Já as questões formuladas para as segundas provas parciais foram sobre zoneamento; exigências técnicas a atender no planejamento de um cinema. Aqui, a palavra “planejamento” não é usada para se referir a processos político-sociais de administração da cidade, mas como sinônimo de projeto. Interessante perceber como nessa disciplina, que sobrepõe composição e urbanismo, há questões sobre projetos de grande porte – aeroporto, cinema. Sendo assim, podemos imaginar que, para esta disciplina, a cidade e as construções de grande porte são artefatos passíveis de projeto (ou planejamento), pois são de natureza semelhante (ESCOLA DE ENGENHARIA, 1951).



rista, que privilegiava a resolução de problemas de infraestrutura urbana (MELLO, 2016). Além disso, na disputa pela hegemonia da Arquitetura no Estado, o Urbanismo não esteve em pauta – nenhum dos lados o reivindicava de maneira categórica.

É sob estas circunstâncias que Cravotto vem à Porto Alegre.

Pelo menos três professores do IBA, os engenheiros Edvaldo Pereira Paiva e Luiz Arthur Ubatuba de Faria, e o arquiteto Demétrio Ribeiro, já conheciam Cravotto. Nos anos 1930, Paiva e Ubatuba de Faria, como servidores municipais, pretendiam implantar um *plano de urbanização* para a capital gaúcha. Contudo, este propósito foi barrado em 1938, quando o prefeito José Loureiro da Silva contratou Arnaldo Gladosch para elaborar o plano diretor da cidade. Pouco depois, em 1941, Paiva parte para Montevideo a fim de estudar Urbanismo junto à Maurício Cravotto. Lá conhece Demétrio Ribeiro, na época estudante de Arquitetura e aluno de Cravotto. Na mesma época, também Ubatuba de Faria fez estudos em Montevideú.

Cravotto fora recebido em Porto Alegre como uma autoridade em Urbanismo. A *Revista Espaço*, editada pelos estudantes do IBA, assim o apresentava a seus leitores: “Professor, Diretor do curso de post-graduados da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Montevideo e eminente Urbanista continental” (ESPAÇO, 1949, p. 4).

Considerando-se suas relações estreitas com professores do IBA, Cravotto não teria sido convidado a ministrar aulas em Porto Alegre justamente por encarnar um profissional capaz de associar Arquitetura e Urbanismo? Seria este o modelo buscado pelo IBA?

As primeiras referências à vinda do arquiteto-urbanista uruguaio ao Rio Grande do Sul estão registradas na ata do CTA do IBA, de 24 de fevereiro de 1948. Nesta reunião o Conselho autorizou Tasso Correa a adotar providências para contratar “professores eminentes” (INSTITUTO DE BELAS ARTES, 1948a), entre eles Mauricio Cravotto; deixa-o livre ainda para, se necessário, viajar a Montevideú e tratar pessoalmente de sua contratação (INSTITUTO DE BELAS ARTES, 1948a).

Em 16 de março de 1948, Tasso Corrêa envia ofício a Cravotto, formalizando contato feito anteriormente por Paiva, como nos leva a crer um trecho daquele documento: “Estou certo de que o presente convite terá a melhor acolhida, face a vossa manifestação favorável, que, nesse sentido fizeste ao Prof. Edvaldo Paiva” (CORRÊA, 1948). Corrêa convida “o ilustre professor para, no corrente ano, realizar uma série de conferências sobre assuntos de vossa especialidade” (CORRÊA, 1948). Informa, por fim, que em breve viajaria ao Uruguai, “ocasião em que teremos oportunidade de assentar as condições em que será possível a realização dessas conferências”

(CORREA, 1948).

Cravotto não tarda a responder. Em carta datada de 1º de abril de 1948, escreve: *“en conocimiento de los deseos y objetivos que persigue su Instituto, me es grato manifestarle que me siento muy honrado por su invitación, que mucho agradezco”* (CRAVOTTO, 1948a). Dizia ainda que esperava a visita de Corrêa *“para concretar la forma de mi intersección cultural en su Instituto”* (CRAVOTTO, 1948a).

Tasso Corrêa efetivamente foi a Montevidéo. Não temos detalhes do seu encontro com Cravotto, mas, em 5 de junho de 1948, por carta, o professor uruguaio registra a passagem de Corrêa pela cidade, ao lamentar *“mucho la víspera de su partida, no encontrarlo de tarde en el hotel y por eso le dejé una esquila en el bureau, pensando siempre tener tiempo para despedirlo a su partida en el avión”* (CRAVOTTO, 1948b). Esta carta indica ainda que Cravotto viria a Porto Alegre em julho. Revela também, entretanto, que a ideia da “série de conferências” fora abandonada. Cravotto ministraria, isto sim, um curso de Grandes Composições, com duração de 12 dias:

*Espero también, tener la confirmación definitiva del procedimiento para el desarrollo de esos cursos prácticos de grandes composiciones, para poder ir pensando en el mejor rendimiento de la labor, que como Ud. recordará, debo ceñirla no más de dos semanas* (CRAVOTTO, 1948b).

No mesmo dia 5 de junho o CTA do IBA aprovou a contratação de Cravotto para ministrar o curso intensivo de “Grandes Composições aos alunos da 3ª e 4ª e 1ª e 2ª séries, dos cursos de Arquitetura e [de] Urbanismo, respectivamente, durante o mês de julho próximo” (INSTITUTO DE BELAS ARTES, 1948b)<sup>14</sup>. Cabe notar que as cadeiras de Grandes Composições de Arquitetura situavam-se no 4º e 5º anos do curso de Arquitetura, e não no 3º, conforme mencionado na ata do CTA – o que indica que esta inclusão do 3º ano era uma excepcionalidade.

Cravotto chega à cidade em 3 de julho de 1948, como registra o jornal *Correio do Povo*, nesta mesma data, ao se referir à iniciativa do IBA em trazer “o eminente arquiteto professor Mauricio Cravotto para realizar, nesta capital, um curso intensivo de Grandes Composições de Arquitetura e Urbanismo” (CHEGA..., 1948):

14 Ainda nesta reunião foi dada notícia da contratação de outro professor Uruguaio, Ildefonso Aroztegui, para ministrar outro curso de Grandes Composições, neste caso unicamente para os estudantes de Arquitetura



O Prof. Cravotto que chegará hoje às 10 horas pelo avião da 'Varig' pois fez a viagem de Montevideu via Pelotas no proposito de melhor conhecer nossa terra e nossa gente dará início a seu trabalho no Instituto de Belas Artes segunda-feira, às 9 horas. O Curso será diário, das 8 às 12 horas, uma parte pela tarde e à noite o Prof. Cravotto fará palestras a que poderão comparecer os profissionais interessados, independente de qualquer formalidade, a não ser uma mera comunicação à Secretaria do Instituto (CHEGA..., 1948).

Em 4 de julho o *Correio do Povo* noticia a chegada de Maurício Cravotto a Porto Alegre: "logo após sua chegada, s. s. que foi recebida por professores e inúmeros alunos do Instituto, teve a cercá-lo carinhosa recepção e gentileza. Acompanhado de diversos professores realizou ontem à tarde um passeio pela capital" (EM..., 1948).

Segundo a *Revista Espaço*, Cravotto "proporcionou doze dias de aulas intensivas" (ESPAÇO, 1949, p. 4). Ele permaneceu em Porto Alegre, possivelmente, até o dia 17 de julho, pois, em 18 de julho, o *Correio do Povo* registrou a homenagem de despedida realizada "no bar daquele educandário" no dia anterior (HOMENAGEADO..., 1948). Este encontro teria transcorrido "em ambiente de cordialidade entre alunos e professores, notando-se entre estes, o dr. Tasso Corrêa, diretor do Instituto" (HOMENAGEADO..., 1948). Ao fim do evento, Cravotto agradeceu a homenagem e alegou "o fato de não ser um literato, e, sim, um urbanista, um homem que fala com algarismos e de maneira diferente" (HOMENAGEADO..., 1948). Este registo nos parece bastante relevante, pois, segundo o jornal, Cravotto teria se referido a si mesmo como "urbanista" que se expressa através de "algarismos".

Já em 20 de julho de 1948, em carta dirigida à Tasso Corrêa, Cravotto dava notícia de seu retorno a Montevideu<sup>15</sup>:

*He encontrado a mi regreso una verdadera montaña de trabajo, correspondencia, libros. Ese es el motivo porque no escribí de inmediato como lo deseaba, pues mi impulso era decirle a Ud. y todos, cuanto es intenso mi agradecimiento por las incontables atenciones y por la permanente fina compañía que Uds. dieran a mi emotividad (CRAVOTTO, 1948c).*

---

15 Mas, a correspondência entre Cravotto e Tasso Corrêa não cessa aqui; no arquivo do IBA encontram-se cartas manuscritas de Cravotto datadas de 25 de julho, 4 de setembro e 21 de outubro de 1948, e de 15 de dezembro de 1949.



O "mestre" Cravotto tendo à esquerda o prof. Tasso Corrêa, criador do Curso de Arquitetura. O professor uruguaio, em doze dias, proporcionou esplêndidas aulas de arquitetura e urbanismo.

**Fig. 2:** Mauricio Cravotto (ao centro) recepcionado em Porto Alegre. À sua esquerda, em primeiro plano, Tasso Correa e Eugen Steinhof; à sua direita, Edvaldo Pereira Paiva (ESPAÇO, 1949, p. 07).

### 3 As aulas de Cravotto

A caderneta de frequência da cadeira “Grandes Composições” ministrada por Cravotto, em 1948, é a única das cadernetas arquivadas no Instituto de Artes da UFRGS que, no campo “curso”, registra a designação “Arquitetura e Urbanismo”. Em todas as demais os “cursos” são ou de Arquitetura ou de Urbanismo – cursos, na época, distintos<sup>16</sup>. Na capa desta caderneta, como é comum em todas as demais, não há qualquer referência à série ou ano letivo.

Os alunos que constam na lista de presença foram divididos em dois grupos, “de Arquitetura” e “de Urbanismo”. Os alunos de Arquitetura eram do 3º e 4º anos. Os de Urbanismo eram do 1º e 2º anos (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]b).

No total, 34 alunos eram do curso de Arquitetura e 5 do curso de Urbanismo, registrados conforme segue (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]b):

#### Arquitetura:

(3º ano) Antonio Magadan; Alfredo Leboutte; Claudio Silva T. de Freitas; Claudio Dytz; Charles René Hugaud; Dirceu Berclaz; Emílio Mabilde Ripoll; Enilda Ribeiro; Fernando Petersen Lunardi; Gino Máximo Pansiera; João Barbosa dos Santos Filho; Jaír Amaurí Koebe; Jaime Luna dos Santos; Jorge Sirito de Vives; Luiz Lampert Gaertner; Luiz Fernando Corona; Mário José Corrêa; Moací Zamora; Paulo Vallandro; Tasso Olimpio Pufal.

<sup>16</sup> O curso de Arquitetura era de graduação, com 5 anos de duração. O curso de Urbanismo era de especialização, com 2 anos de duração e aberto a arquitetos e engenheiros.

(4º ano) Bruno Felix Rossi; Emil Achutti Bered; Flávio Tarquínio Pufal; Francisco dos Santos Coutinho; Jasson Cavalcante de Albuquerque; João Schmidt Filho; José Lorenzoni Parreira; Kurt Gunther Schmeling; Léo Alfredo Preto de Oliveira; Mauro Guedes de Oliveira; Nelson Camargo Costa; Remo José Irace; Roberto Felix Veronese; Salomão Sibenberg Kruchin.

Urbanismo:

(1º ano) Carlos Alberto de H. Mendonça; Edgar Albuquerque Graeff; Francisco Riopardense de Macedo.

(2º ano) Neli Peixoto Martins; Sérgio Corrêa.

Junto à caderneta, encontram-se ainda dois exercícios redigidos em espanhol que cremos terem sido trazidos do Uruguai, provavelmente por Maurício Cravotto. Um deles, referente à disciplina *Proyectos de Arquitectura, 5 año*, tem como tema “*El centro mundial para la intercomprensión de las culturas*”. O outro, do curso de *Grandes Composiciones de Arquitectura para egresados (1948)*, tem como tema “*Un centro para la Federación Internacional de Urbanistas (F.I.U.)*”. Por várias indicações incongruentes (nome da disciplina, data das entregas, ano do curso a que se destina, dentre outras) acreditamos que estes exercícios não foram ministrados aos estudantes do IBA.

Entretanto, infelizmente, não há na caderneta qualquer anotação em relação aos conteúdos ministrados por Cravotto; podemos apenas supô-lo a partir dos dois exercícios por ele aplicados. Ressalte-se que, apesar da cadeira (*Grandes Composições*) oferecida para os estudantes dos cursos de Arquitetura e de Urbanismo ser a mesma, foram distintos os conteúdos dos exercícios finais solicitados para os estudantes de um e de outro curso.

O exercício dirigido aos estudantes do curso de Arquitetura denominava-se “*Estação Central Rodoviária*”<sup>17</sup>. Os três primeiros parágrafos do exercício apresentam o tema em termos genéricos, afirmando a importância dos meios de comunicação e transporte “para tornar mais fecunda a atividade humana, mais fáceis os intercâmbios de toda a ordem, mais perfeita a associação entre os seres, mais simples e econômicos o aprovisionamento e consumo de produtos” (CURSO..., [1948]). O programa de necessidades do edifício era composto por: um museu permanente da história dos meios de comunicação, locomoção e transporte (com acesso, hall, zona de exposições, salas, saletas, serviços sanitários, vigilância); escritórios (com acesso próprio, 20 escritórios, serviços sanitários e pequena dependência); central

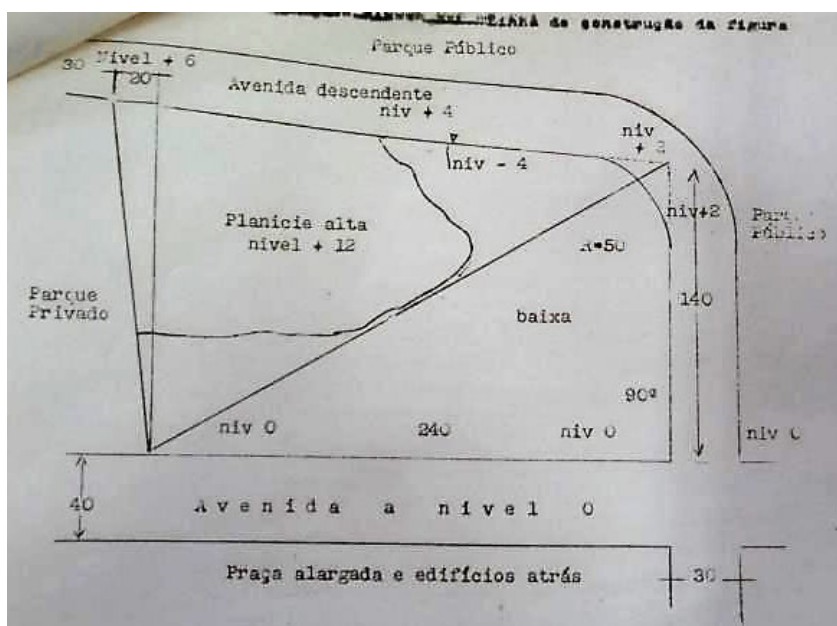
---

17 Fiori (1992) afirma que “Cravotto desenvolve em aula um exercício em que deveria ser realizado o plano de um campus universitário” (1992, p. 269). Contudo, não encontramos evidências desta afirmação nos arquivos do Instituto de Artes da UFRGS.

do tráfico (com acesso próprio, grandes ambientes com guichês, vitrines, zona para público, funcionários, mapas, guias, locais fechados para comissão de turismo, zona de estacionamento para ônibus, caminhões); e, por fim, um “jardim de descanso para turistas, mas que seja ao mesmo tempo, para uso público, para o habitante da cidade, para escolares” que pode incorporar “pequenas obras arquitetônicas complementares, como sejam, muros de contenção, pórticos, zonas cobertas de proteção e obras de arte”, além de um estacionamento (CURSO..., [1948]).

Os itens de entrega foram sucintamente descritos da seguinte forma: para o esboço inicial, “planta, fachada e corte, a ½ mm p/metro, em um papel de tamanho igual ao do programa” (CURSO..., [1948]). Para a entrega final, “planta, fachada e corte, a 4mm p/metro” (CURSO..., [1948]).

Completa este exercício o desenho apresentado na FIGURA 3. Trata-se de um lote com cotas planialtimétricas sem qualquer referência ao entorno imediato, a não ser vias e notas sobre os usos próximos; enfim, trata-se de um sítio um tanto abstrato.



**Fig. 3:** Sítio do exercício da cadeira Grandes Composições, ministrada por Maurício Cravotto em 1948, dirigido aos estudantes do Curso de Arquitetura (CURSO..., [1948]).

Já o exercício dirigido aos estudantes do curso de Urbanismo era dividido em duas etapas ou “momentos”:

- (1) “Arquitetura Paisagista – Teórico Prático”, com o tema “Um Parque – Jardim de Recreio, a margem de um rio”.
- (2) “Prática de Urbanística”, com o tema “Uma unidade vicinal para carpinteiros de estaleiro e artesanias afins da navegação e vida costeira de um rio” (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]c).

O detalhamento do exercício de “Arquitetura Paisagista” aponta que o “parque-jardim recreio, à margem de um rio, implicará num acondicionamento paisagístico e em certas instalações e edifícios, formando uma composição num terreno” (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]c). A proposta deveria contar com espelho d’água artificial, superfícies livres e plantadas, margens que facilitem o embarque em botes, zonas naturais arenosas para banhistas, local para jogos infantis, adolescentes e adultos, para *picnics*, sombreadas e ensolaradas, adequados para repouso, passeio, sesta, instalação de barracas, além de dois ou três edifícios para restaurante, depósito de barcos e administração.

O detalhamento do exercício “Prática de Urbanística”, por sua vez, indicava que a unidade vicinal proposta deveria acolher 5.000 habitantes e comportar

(...) a composição de todos os elementos inerentes a uma vida estabilizada, na qual se desenvolve a indústria artesã da carpintaria de barcos e está diretamente vinculada a um parque-jardim de recreio, na margem um rio similar ou igual ao que é especificado no tema de A. P. [Arquitetura Paisagista] (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]c).

A unidade vicinal deveria responder ainda aos seguintes pressupostos: contemplar atividades artesanais relacionadas à metalurgia, confecção de velas para embarcações, instrumentos de pesca, fabricação de cestos e tapeçarias; ser acessível por terra e água, o primeiro terminando em um grande estacionamento e o segundo em um pequeno porto; restringir a circulação no interior da unidade à apenas veículos leves.

O “programa de necessidades” era composto por

(...) vivendas uni, bi e polifamiliares, como também alguma vivenda coletiva, alguns centros de abastecimento, um centro cívico ligado ao parque-jardim de recreio, o qual terá uma zona claramente evidenciada para as diversões quotidianas da população e cerca do qual se localizará a escola pública (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]c).

A forma de elaboração do trabalho era a seguinte: os estudantes deveriam apresentar “esboço individual de cada um dos temas, debaixo da direção do professor do curso prático, e, em seguida, poderão continua-lo, individualmente ou formando brigadas, de acordo com o mesmo professor” (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]c). Deveriam ser apresentados ainda os dados numéricos referentes à

(...) superfície geográfica total, percentagem de espaços viários e livres, percentagem de solo restante utilizável para a implantação de prédios coletivos ou particulares, devendo-se, além disso, expressar outras percentagens, a serem indicadas pelo professor (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]c).

Além destas informações, os estudantes deveriam expressar sua proposta “em planta, elevação e perspectiva a composição paisagística e U. [urbanística] com um detalhe e dados de algumas das vivendas” (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]c).

Os dois exercícios do curso de Urbanismo – de “Arquitetura Paisagista” e de “Prática de Urbanística” – eram complementares. Como indica o edital, os trabalhos formariam “uma unidade, de expressão simples, com a inclusão dos dados e resultados paisagísticos e urbanísticos nas mesmas lâminas em que se expressa a composição” (INSTITUTO DE BELAS ARTES, [1948]c).

Comparando-se os exercícios dos dois cursos, de Arquitetura e de Urbanismo, é possível destacar algumas semelhanças. A estrutura de exposição dos exercícios é similar: breve descrição do tema; exposição do programa de necessidades; relato do sistema de trabalho; entregas. O método didático é o mesmo: ateliê com assessoramento do professor. A forma de expressão dos resultados, idem: conjunto de desenhos técnicos. A diferença consiste nos temas. O exercício do curso de Arquitetura é, em síntese, um projeto de edificação de grande porte: uma estação rodoviária. Já os exercícios dirigidos aos estudantes do curso de Urbanismo são, de uma parte, o projeto para espaços abertos (“parques-jardins”) que incorpora edifícios que devem participar desta “composição” (“Arquitetura Paisagista”); e, de outra, o projeto de uma “unidade vicinal” que, por suas características, poderíamos chamar hoje de projeto para um bairro operário (“Prática de Urbanística”).

Todos os exercícios, tanto do curso de Arquitetura e como do curso de Urbanismo, são, enfim, exercícios de composição, de projeto.



## CONCLUSÃO

Com base nos exercícios propostos por Cravotto, é possível definir taxativamente a sua compreensão sobre o Urbanismo? Sua permanência em Porto Alegre foi breve e os exercícios do curso deveriam ser apresentados, realizados e avaliados em curto espaço de tempo. Pode-se concluir que os exercícios da estação rodoviária, do parque-jardim e da unidade vicinal tinham algo em comum, já que estavam abrigados sob a mesma denominação – Grandes Composições. Entretanto, afirmar que o curso resumia todo pensamento de Cravotto seria uma demasia. Apesar disso, se podem fazer afirmações acerca da compreensão sobre Urbanismo apresentada no curso intensivo. Nada além disso.

Conforme revelam os documentos consultados, *edifício e cidade*, para os exercícios de Cravotto, eram “objetos” ou “artefatos” pertencentes ao domínio da composição. O Urbanismo era por ele visto, no curso do IBA, como uma forma de conceber a “arquitetura” da cidade e de nela intervir através do projeto. Este, segundo se pode depreender da documentação analisada, era encarado como “proposta de solução para um problema” de natureza arquitetônica e que, por isso mesmo, somente poderia ser resolvido como “construção”. O “projeto” não era visto como a solução em si; só a “obra” seria capaz de satisfazer as “necessidades dos usuários”. Cravotto, afinal, demanda sempre aos alunos de seu curso um desenho relativamente preciso de um artefato, capaz de antecipar e orientar a sua construção, seja edifício ou cidade. Esse *desenho-projeto* se materializa em plantas, cortes, fachadas, perspectivas.

Cravotto assume, portanto, uma concepção Albertiana da Arquitetura e da cidade; a propósito, relembremos a célebre a frase do tratadista italiano:

Ora se a cidade é, na opinião dos filósofos, uma casa em ponto grande e, inversamente, a casa é uma cidade em ponto pequeno, porque não se há de dizer que as partes mais pequenas da casa são habitações em ponto pequeno? (ALBERTI, 2011, p. 170).

No curso do IBA, para abordar a cidade Cravotto utilizou as mesmas ferramentas que empregava em face do edifício. Tudo é Arquitetura. Os exercícios mais diretamente vinculados à cidade e aos espaços abertos, propostos por Cravotto, de fato foram dirigidos aos estudantes do curso de Urbanismo. Mas tais exercícios a rigor somente se diferenciam do exercício proposto aos estudantes do curso de Arquitetura pela “escala” dos artefatos implicados – a escala do edifício, a escala do parque, da unidade vicinal, da cidade.

Por tudo o que foi dito, não se pode afirmar que o Urbanismo professado por Cravotto em seu curso de Grandes Composições tenha a marca da originalidade: até hoje tal abordagem é dominante entre os arquitetos. Entretanto, é certo também que a visão defendida pelo professor uruguaio, em 1948, representava uma grande novidade e marcaria toda uma geração de arquitetos. O Urbanismo passou a ser entendido como arquitetura em “outra” escala. Afirmou-se aí, talvez, a concepção que mais adiante derrotaria a engenharia urbana higienista-sanitarista dominante e que, mais tarde, no Brasil, submeteria o Urbanismo à Arquitetura.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Leon Battista. *Da Arte Edificatória*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- ALMEIDA, Maria Soares de. O Urbanismo em Porto Alegre no Início do Século - do Ensino e das Práticas. In: SEMINÁRIO HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 4., 1996, Rio de Janeiro. *Herança, Identidade e Tendências da Cidade Latino-Americana*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU-PROURB, 1996. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/433/409>> Acesso em: 10 mar. 2015.
- \_\_\_\_\_. Urbanismo no Sul do continente – transferências e intercâmbios 1930/1950. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 13., 2009, Florianópolis. *Planejamento e Gestão do Território - Escalas, Conflitos e Incertezas*. Florianópolis: ANPUR - UFSC, 2009. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3037/2972>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- ALMEIDA, Maria Soares de. SOUZA, Célia Ferraz de. Dois urbanistas no planejamento de Porto Alegre – 1930/1950. In: ENANPARQ- ARQUITETURA, CIDADE, PAISAGEM E TERRITÓRIO: PERCURSOS E PROSPECTIVAS, 1., 2010, Rio de Janeiro. *Simpósio temático: percursos profissionais: arquitetos e urbanistas e a contribuição para a teoria e a prática no Brasil 1920-1960*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010.
- BARDET, Gaston. *O urbanismo*. São Paulo: Papirus, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BRASIL. Decreto Federal nº 19.991 de 26 de novembro de 1945. Autoriza o funcionamento do Curso de Arquitetura no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre. Disponível em: < <http://www2>.

- camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-19991-26-novembro-1945-480354-publicacaooriginal-1-pe.html >. Acesso em: 13 mar. 2015.
- BUNGE, Mario. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CHEGA hoje a Porto Alegre o ilustre arquiteto Mauricio Cravotto. Realizará um curso intensivo de arquitetura e urbanismo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 03 jul. 1948 [recorte arquivado no Instituto de Artes da UFRGS].
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. Utopias e realidades: uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHOAY, Françoise. Urbanisme. In: MERLIN, Pierre; CHOAY, Françoise. *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Paris: PUF, 1988.
- CORREA, Tasso [Ofício] 16 de março de 1948, Porto Alegre [para] CRAVOTTO, Maurício, Montevideu. *Faz primeiro contato oficial com Mauricio Cravotto com objetivo de convidá-lo a ministrar curso no Instituto de Belas Artes*.
- CRAVOTTO, Maurício [carta] 01 de abril de 1948a, Montevideu [para] CORREA, Tasso, Porto Alegre. *Negocia ida a Porto Alegre para ministrar curso*.
- [carta] 05 de junho de 1948b, Montevideu [para] CORREA, Tasso, Porto Alegre. *Negocia ida a Porto Alegre para ministrar curso*.
- \_\_\_\_\_. [carta] 20 de julho de 1948c, Montevideu [para] CORREA, Tasso, Porto Alegre. *Negocia ida a Porto Alegre para ministrar curso*.
- CURRICULUM Vitae del Profesor Arquitecto Maurício Cravotto*. 1f. [Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS: [s.l.], 1948?].
- CURSO de Arquitetura. nº 1 – Ponto sorteado para o 1º Exame Parcial da cadeira de 'Grandes Composições de Arquitetura' na 4ª série. 3f. [anotado à mão]. [s.l., 1948].
- ELARQA. *Mauricio Cravotto: Coleção Monografia Elarqa*. Montevideo: Dos Puntos, 1995.
- EM Pôrto Alegre o urbanista Maurício Cravotto. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 04 jul. 1948 [recorte arquivado no Instituto de Artes da UFRGS].
- ESCOLA DE ENGENHARIA. *Relatório referente ao ano de 1949*. Porto Alegre: Escola de Engenharia, 1951.
- ESPAÇO: *Revista de Arquitetura-Urbanismo-Arte*, Porto Alegre, ano 2, n.4, dez. 1949.[ Organizado por um grupo de alunos do IBA].
- FIORI, Renato Holmer. *Arquitetura moderna e ensino de arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 a 1951*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- HOMENAGEADO o Professor M. Cravotto. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17

jul. 1948 [recorte arquivado no Instituto de Artes da UFRGS].

INSTITUTO DE BELAS ARTES. *Ata da reunião extraordinária do Conselho Técnico Administrativo*, realizada em 21 de setembro de 1944a.

\_\_\_\_\_. *Ata da sessão extraordinária da Congregação*, realizada em 29 de setembro de 1944b.

\_\_\_\_\_. *Ata da reunião ordinária do Conselho Técnico Administrativo*, realizada em 24 de fevereiro de 1948a.

\_\_\_\_\_. *Caderneta de frequência e matéria lecionada*. Curso: Arquitetura e Urbanismo. Cadeira: Grandes Composições. Professor: Maurício Cravotto. Porto Alegre, [1948]b.

\_\_\_\_\_. *Trabalho para os alunos do curso de urbanismo a ser executado sob a direção do professor Maurício Cravotto*. 2f. Porto Alegre, [1948]c.

\_\_\_\_\_. *Relatório do curso de arquitetura - 1949*. Porto Alegre, 1949.

JAPIASSU, Hilton. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.134-146, 1992.

MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de. *O Urbanismo dos arquitetos: genealogia de uma experiência de ensino*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ROVATI, João Farias. *La modernité est ailleurs: "ordre et progrès", l'urbanisme d'Edvaldo Pereira Paiva (1911-1981)*. Tese (Doutorado em Urbanismo). Universidade de Paris-8: Paris, 2001.

ROVATI, João Farias. Caminhos da evolução urbana. In: ENA - ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 12., 2007, Belém. *Integração Sul-Americana, Fronteira e Desenvolvimento Urbano e Regional*. Belém: Anpur, 2007. Disponível em: <<http://unuospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3395/3325>> Acesso em: 10 mar. de 2015.

SIMON, Círio. *Origens do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia no sistema das artes visuais do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

WEIMER, Gunter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.